

*Coleção Despertares*



LYCIA BARROS



ENTRE A MENTE  
E O CORAÇÃO

A  
ATTITUDE



Um Selo do  
Grupo Editorial Danprewan  
[www.danprewan.com.br](http://www.danprewan.com.br)

Editora filiada a

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE EDITORES CRISTÃOS

SINDICATO NACIONAL  
DOS EDITORES DE LIVROS

CÂMARA BRASILEIRA  
DO LIVRO

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Janaina Vieira

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Gustavo Azevedo

PROJETO GRÁFICO  
Ronan Pereira

CAPA  
Hugo Breves

EDITORAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO  
Rafael Saldanha

REVISÃO  
Virgínia Cavalcanti

ASSISTENTE EDITORIAL  
Débora Silvestre

## PRÓLOGO



*S*im, todos sabiam que eu era um canalha. Veja bem: eu *era*, não sou mais — apesar de ainda sentir os resquícios do velho homem soprando sobre mim. No entanto, ela estava ali, bem na minha frente, me olhando fixamente e eu diria quase que... com pena. Seu olhar me atravessava, me incomodava, mas de um jeito bom. Eu tomara um fora colossal depois de meses reunindo forças para falar com uma menina — isso mesmo, ela era *só* uma *menina* —, enquanto eu já era um homem de vinte e nove anos e sem nenhuma vergonha na cara. Uma menina que eu fiz sofrer tanto que, hoje, só a lembrança disso me faz sucumbir de vergonha. Sinto nojo de quem eu era, e sinto asco do que fiz com ela um dia. Por causa dessa paixão atrasada — depois que eu já a havia perdido —, fui ao fundo do poço envolvendo-a em um acidente. Foi quando me dei conta da loucura que estava fazendo com a minha vida. Naquele momento, eu me sentia seriamente perdido. Não desejava seguir filosofias, nem religiões. Eu precisava de alguém que me *guiasse*. E, então, eu O conheci, e Ele mudou completamente a minha história. Quanto mais eu lia sobre Jesus, mais próximo dEle eu me sentia. Até que um dia, ao lado de Dante, pronunciei as palavras que revolucionariam a minha vida para sempre: *eu acredito*. E de repente, me senti limpo, como se tivesse tomado um banho por dentro.

Mas não era essa menina que estava na minha frente agora. Era uma amiga dela, uma desconhecida para mim. Esta realmente conseguiu me mostrar quem eu era lá no fundo. Alguém que eu não conhecia, mas que gostei muito de descobrir. Uma pessoa



que me lançou em um desafio, mostrando-me uma luz diferente de tudo aquilo que eu chamara de *confiança divina*.

Sempre fui um cara que teve muitas facilidades, principalmente com as mulheres — que sempre se iludem facilmente com qualquer beleza acima do normal. Veja bem, não sou tão convencido, só repito o que escuto. Mas eu sempre soube me aproveitar dessa vantagem, que me abriu muitas portas, mas que me meteu em muita encrenca também. Quantas vezes acabei a noite com um olho roxo ou deixando a casa de uma mulher pela janela! Ainda assim, essa beleza me ajudou durante anos. Vivi à custa de uma mulher mais velha do que eu — Amália —, mas não foram os quinze anos de diferença entre nós que me impediram de me apaixonar por ela. Eu já era apaixonado, mas *por mim mesmo*. Usei muitas mulheres e também fui usado por elas, mas sempre resguardando meus sentimentos. Nunca me fixei em nenhuma.

Tive motivos para não acreditar em uniões estáveis, pois minha vida não foi fácil na infância. Eu era pobre e aturava um bêbado inveterado que se denominava meu pai, mas acho que eu era o pai dele na maior parte do tempo. E minha mãe... Bem, ela não era a mais carinhosa das criaturas. Eu era doido para fugir dali, mas graças a Deus segui por um caminho um pouco melhor dos de muitos caras na mesma situação: resolvi estudar. Achei uma saída para aquele sofrimento todo e um mundo inteiro se abriu ao meu redor. Joguei o capelo para o alto no ano de 2005, me formei em Letras, com habilitação em Francês, em uma universidade pública. Três anos depois, eu já era professor de lá. Como disse antes, as coisas foram meio fáceis para mim. Meus amigos me diziam que eu tinha uma boa estrela. Cheguei a morar um ano na França à custa de Amália. Eu achava que era sorte mas, no fundo, eu sabia que um cabelo loiro, olhos verdes e uma pele bronzeada me ajudavam um pouquinho. Na verdade, *muuito*. Além de tudo, eu também malhava por horas para ostentar

o único orgulho que me restava na vida. Sei como isso soa fútil. Na verdade, realmente eu era, e fico feliz por poder falar assim agora: *eu era*. Além do que, eu também não acreditava em *felizes para sempre*. Acreditava em *confortável para sempre*. Mas eu estava enganado: o “felizes para sempre” *existe*, mesmo quando não é do jeito que você imagina.

Então, nos conhecemos assim, em uma festa de casamento. Depois do bilhete azul de Angelina, que me deixara arrasado, ela apareceu e me chamou para conversar. Provavelmente, imagino, por ver o torpor que me abatia naquela hora. No início, eu não queria ir, queria ficar sozinho para aplacar as minhas dores, mas seus olhos foram tão gentis que não havia como recusá-los. Então eu fui, e nunca me arrependi dessa decisão em toda a minha vida.

## PARTE 1



*O amor só é lindo quando encontramos alguém que  
nos transforme no melhor que poderíamos ser.*

Mario Quintana

# CAPÍTULO 1

— Quer se sentar um pouco? — pergunta a garota, com uma voz amistosa.

Respiro fundo e pressiono os dedos contra os olhos para disfarçar as pálpebras molhadas.

— Pode ser — consinto, ainda olhando para cima.

Ouvimos um champanhe estourar ao longe. Minha boca está seca. Fico pensando se conseguiria uma taça.

— Então... Você é o famoso Alderico? — ela diz, sentando-se na grama.

Volto os olhos para ela, estupefato. Ela está de vestido longo exatamente como as outras convidadas, apesar de não usar nenhuma maquiagem. Mas não pensa duas vezes antes de tirar os sapatos e cruzar as pernas no chão.

— Não prefere as cadeiras? — pergunto, quase rindo, apontando para as mesas. — Seu vestido ficará arruinado.

Ela olha para mim e ri, sem responder, e eu entendo perfeitamente por quê. Já devo estar parecendo um trapo para um evento tão alegre como esse. Além dos olhos provavelmente vermelhos, minha cara também não deve estar das melhores. Concluo que é melhor eu ficar mesmo isolado. E, para falar a verdade, nem ao menos eu conheço bem os noivos. *Que beleza!*, penso eu, desanimado, *Sou quase um penetra e acabo de levar um chute na bunda.* Mortificado, tiro a parte de cima do terno, puxo as calças até os joelhos e me sento ali com ela, à luz da lua prateada.



— Não sei se sou famoso, mas meu nome é Alderico — digo, olhando-a de relance com um sorriso afetado no rosto. — E você? Por acaso é meu anjo da guarda? Pois se for, confesso que estou precisando dos seus serviços.

— Ana — diz ela, rindo e estendendo a mão. — Muito prazer. Mas por que vai precisar desses serviços hoje? Está pensando em fazer alguma besteira? Me avise se eu precisar chamar os reforços...

— Talvez precise... — brinco, sorrindo, e olho para trás para ver as luzes da festa.

Não posso negar, o tal velho homem às vezes crava as garras na superfície da minha mente, tentando emergir. Eu quero beber, fazia tempos que não queria, mas nesta noite eu bem que quero. Pensava que, quando me convertesse, certas vontades desapareceriam automaticamente. Mas, pelo visto, não é assim que a banda toca. Mesmo assim, não tem jeito, os pais dos noivos são cristãos conservadores e não vejo nem uma taça de vinho — algo que eu ainda me permito — circulando pela festa. Olho para Ana e pergunto:

— Quer beber alguma coisa? Posso pegar alguma coisa pra nós dois...

Ana franze o cenho e olha na mesma direção, por cima do ombro, seu cabelo fino esvoaça livre na brisa. Reparo como seus traços parecem fortes.

— Pode ser, mas nada com álcool — ela ressalta e se vira para a grama.

Frustrado, percebo que nem ao menos arrumei uma cúmplice. Dividir a culpa é sempre um santo remédio.

— Acho que nem tem — digo eu com sarcasmo. Depois me levanto e bato na calça. — E então, o que vai ser? Água, suco, refrigerante? — As opções estão me dando vontade de rir, mas Ana pressiona um pouco os lábios depois diz de forma decidida: *Água*. — Então, torce seus cabelos para trás.



Resignado, vou andando até a multidão, meio embaraçado. Evito olhar em torno, pois pretendo não avistar a minha ex. Assim que consigo, retorno com as duas bebidas. Trago um copo de água para Ana e surrupio uma taça de champanhe para mim.

— Desculpe me intrometer — ela diz enquanto me sento —, mas vejo que ficou um pouco abalado depois que Angelina se foi. Quer conversar sobre isso? — pergunta ela, olhando—me com uma expressão serena e em seguida dando um gole em sua água.

Na verdade, eu realmente não queria. Vou remoer aquele fora a noite toda e já sabia disso com cada fibra do meu ser. Não era algo a que eu estivesse acostumado, então, balanço a cabeça dizendo que “não”. Surpreso, reparo que ela também não insiste. Pelo que sei, as mulheres são sempre bisbilhoteiras, principalmente sobre os assuntos do coração. Mas fico grato por ver que Ana não é assim. *Ou talvez*, reflito com malícia, *ela só esteja disfarçando*. Mas se for esse o caso, sinto-me grato do mesmo jeito. Ficamos nos olhando por alguns segundos, em desconcertado silêncio.

— Nunca mais te vi na faculdade — ela comenta de repente, para minha surpresa —, você sumiu desde o último semestre...

Desvio os olhos para as árvores e penso: *Pronto, lá vamos nós*. Eu não me lembro de onde conheço seu rosto. Tenho certeza de que o conheço, mas não faço a menor ideia de onde. Odeio isso! Meus olhos voltam-se para ela. Seus braços estão pousados nos joelhos e seu rosto está virado para mim. Ela espera por uma resposta. Acompanho seus olhos castanhos, sua pele clara com algumas sardinhas no rosto, cabelos lisos e levemente alourados, a linha reta do nariz fino, o ângulo agudo das maçãs do seu rosto... Com certeza, suas feições são familiares, ela é bonita. Veja bem: ela pode *até* ser uma antiga aluna minha, mas temo que não conseguirei me lembrar, pois já *estive* com várias delas por



assim dizer. Calculo que deve ter mais ou menos a minha idade. Eu me sinto *ridículo*. Toda vez que reencontro alguma *amiga do passado*, principalmente com uma criança no colo, fico torcendo para que o filho não seja meu, pois tudo é possível depois do jeito que eu levei a vida. Eu não quero filhos, nunca quis, pois tive um *filho-pai* a vida inteira para cuidar. Mas esse, infelizmente, agora está morto. Meu trabalho com ele já está terminado. Na falta do que dizer, e com medo de dar uma mancada, penso melhor antes de falar.

— Não dou mais aula lá — respondo, abraçando os joelhos.  
— Trabalho num jornal agora. E você? Não parece ser daqui...  
— comento, tentando mudar de assunto e referindo-me ao seu sotaque.

— Sou de Santa Catarina. Estou de passagem pelo Rio. Na verdade, sou madrinha do noivo e amiga de Dante. Por isso eu vim, tenho um carinho muito especial pelos dois.

Baixo os olhos ao ouvir aquele nome: *Dante*. Não que eu não goste dele, ele é meu amigo. Muito mais que isso, aliás. Foi a pessoa que me apresentou Jesus. Posso dizer também que é um homem muito melhor do que eu jamais poderia ser. A pessoa que me largou há pouco está exatamente atrás dele neste momento. Tenho plena consciência disso, e de certa forma o conhecimento me tortura um pouco. Mas reconheço que não estou com raiva deles, de nenhum dos dois. Estou colhendo exatamente o que plantei.

— Também sou amigo de Dante — comentei, as palavras ardendo em minha garganta. — Na verdade, também foi ele quem me convidou. Não conheço muito bem nenhum dos noivos.

— São pessoas maravilhosas — elogia Ana, remexendo na grama. — Acompanhei o namoro deles desde o início. Acredite em mim, foram feitos um para o outro.

— É algo difícil de acontecer — digo, olhando para trás. — Encontrar a pessoa certa.

— É verdade. Por isso mesmo, quando acontece, devemos fazer de tudo para não perder a pessoa.

— Obrigado — eu suspiro. — Que belo anjo da guarda. É tudo que eu precisava ouvir nesta noite.

— Foi mal. — Ela ri e me olha de esguelha. — Mas sabe — tenta consertar —, às vezes nosso coração se engana. Nem tudo que perdemos é para o nosso mal. Deus é sábio em todos os seus planos. Algumas perdas nos ajudam a crescer e evitam novos erros.

Ergo uma sobrancelha.

— É algo confortável de se acreditar agora, ainda mais na minha situação.

— Ajudou?

Soltei um meio sorriso.

— Um pouquinho. Vá treinando. Você deve ser alguma anjinha estagiária.

Com um olhar divertido, nos encaramos novamente.

— De todo modo — Ana diz, desviando os olhos —, acho que hoje é um dia em que precisamos acreditar no amor. Veja só: nos dias de hoje, muitos jovens não acreditam mais no casamento, e no entanto estamos aqui, testemunhando o que é quase um milagre. E a noiva nem ao menos está grávida...

— Tem certeza? — lanço um sorriso malicioso e em seguida dou um gole no meu champanhe.

Ana ri. Viro a cabeça para contemplá-los, os noivos. A noite está levemente fria e uma brisa suave corre por aqui. Estamos numa fazenda na serra de Petrópolis, a céu aberto. A felicidade dos noivos é evidente para mim, mesmo contemplando-os à distância.

— Um brinde ao amor verdadeiro, então — digo e bato a minha taça no copo dela. Ana sorri de leve e me acompanha dando um gole na sua água.



Continuamos a conversar, pois preferi ficar ali do que correr o risco de cruzar com Angelina pela festa. Ana me conta que é missionária e que viajava o ano inteiro pelo Brasil, evangelizando universitários em faculdades. Os noivos viajam com ela, por isso toda aquela intimidade. Empolgado, faço mil perguntas, completamente distraído do meu drama pessoal. Até penso em falar do meu passado, mas... Bem, me parece meio patético diante de tanta experiência incrível. Mas conto algumas coisas sobre minhas viagens, ocultando o nome de Amália em todas as cenas que estava narrando. Finalmente me lembrei de onde a conhecia: dos corredores do meu antigo trabalho na universidade. Ela esteve lá há uns seis meses e chegou a produzir um grande show com os alunos que liderava. Angelina era uma delas, a ex que acabara de me esnobar. Soube que o evento foi um grande sucesso, mas, infelizmente naquele dia eu estava bêbado. Foi o dia do infeliz acidente. Ainda me recordo com clareza daquela noite: troquei de faixa para fazer uma ultrapassagem e um carro mudou de rumo vindo em minha direção. Fui forçado a jogar o carro para fora da pista. Meu coração disparou, pois não houve tempo suficiente para eu ver aonde estava indo. Ainda sinto o coração batendo forte se me lembro daquela hora, quando de súbito mergulhei na escuridão. O retorno à consciência foi uma coleta gradual de dores. Eu havia quebrado um braço e Angelina permanecia desacordada. Hoje fico aliviado quando vejo que estamos salvos. Foi uma grande estupidez.

Mas, voltando ao assunto, a vida de Ana também era cheia de aventuras. Não que ela se gabasse, eu é que não parava de sabatiná-la de perguntas. Devo confessar: fiquei um pouco impressionado. Nem percebemos quando as pessoas começaram a ir embora. Em certo momento, vimos que os noivos já estavam partindo. Então, Ana se levantou e eu percebi que a nossa conversa infelizmente acabara.

— Foi bom conversar com você — comentei, notando como Ana era alta, quase do meu tamanho. — De certa forma, me manteve... distraído — digo, olhando inconscientemente para sua boca.

— Foi bom conversar com você também — ela diz, parecendo sincera. — Espero que se recupere logo do... bem, da situação toda — conclui, gesticulando com a mão.

Respiro fundo e coloco minhas mãos no bolso, estranhamente inquieto, não desejando retornar à realidade.

— Vai dormir aqui em Petrópolis? — pergunto, com um hábito costumeiro que ainda não consigo refrear.

Ana me olha desconfiada, como se pudesse ler meus pensamentos, que devem estar muito evidentes em meu rosto.

— Sim, vou ficar por aqui, *mas num hotel da estrada* — ela enfatiza as palavras. — Amanhã combinei um almoço com meus amigos daqui da serra.

— Sei. — Coço a cabeça. — Quer uma carona? Quer dizer, pro hotel — ofereço, sem segundas intenções. — Volto pro Rio agora, quem sabe não te deixo pelo caminho?

Ana ri e olha para o chão balançando a cabeça. De repente, me sinto um babaca. Acrescento sua reação ao meu estoque de culpa da noite. Depois de toda a conversa bacana, eu pareço estar lhe passando uma cantada grosseira. Logo me arrependo de ter aberto a boca.

— Vou embora com uns amigos daqui. Na verdade, já devem estar me esperando — diz ela olhando para trás. — Mas obrigada por ter oferecido, foi muito gentil da sua parte.

Nós nos olhamos por um longo e desconcertante momento, tão desconcertante que começo a senti-lo na carne. Afinal, não sei mais o que dizer. E, pelo visto, não estou nos meus melhores dias. Permanecemos igualmente mudos, como dois atores quando esquecem suas falas. Arriscando-me a um sentimento de culpa adicional, manifesto-me novamente:



— Então... — Bato as mãos. — Nada de carona? — Ela meneia a cabeça, afirmando que não. — Já que não precisa de mim, acho que também vou andando. A gente se fala... — Soa como uma pergunta. De propósito. Sei lá por que.

Ela ri e chega perto do meu rosto. Depois, me dá um beijo na face e nós nos despedimos. Seu perfume ainda persiste por um momento. Porém, antes de ir embora de vez, Ana vira-se para mim e diz:

— Deus é quem sabe se nos falamos ou não, vamos deixar que Ele decida sobre isso. E vê se te cuida, pois agora ficará à própria sorte. Mas não sozinho, com certeza.

— Sei disso. Nunca estou sozinho — digo, mas preferia ter ficado ali com ela.